

GÊNERO E MASCULINIDADE: ESTIGMAS ASSOCIADOS AO “SER” HOMEM

Jailson Cavalcante ¹
Leonarda Rodrigues da Silva Brito ²
José Joaquim da Silva Neto ³
José Aristony dos Santos Rodrigues ⁴
Géssika Cecília Carvalho da Silva ⁵

RESUMO

Objetiva-se apresentar nesta pesquisa, diferentes perspectivas de homens nascidos em gerações opostas - antes e após os anos 2000 - em relação ao conceito de masculinidade. Utilizando uma abordagem qualitativa-exploratória, a análise buscou compreender a origem e as implicações dessas perspectivas para a construção de suas identidades masculinas, especialmente no que cerne às questões estéticas e comportamentais. Para o embasamento teórico do trabalho, foram feitas pesquisas em artigos ligados a temática nos principais periódicos científicos - “Google Acadêmico” e “sciElo - Scientific Electronic Library Online” - além disso, foi utilizado um questionário digital com perguntas mistas criado na plataforma "Google Formulários". Os participantes foram questionados sobre suas concepções de "ser homem" e se já tinham sofrido alguma consequência, social e/ou pessoal, por não se enquadrarem aos padrões tradicionais de masculinidade. Perante os dados obtidos, os resultados foram confrontados com o referencial teórico, considerando as possíveis diferenças e semelhanças. Diante das reflexões adquiridas nesta pesquisa, percebe-se que as visões naturalizadas a respeito da masculinidade (re)produzidas pelo patriarcado, ajudam a determinar um tipo de identidade masculina tida como natural/normal, necessitando de ações/reflexões que tentem desconstruir essa visão, dando visibilidade à temática, contribuindo para a promoção da igualdade de gênero e para a desconstrução de estereótipos prejudiciais.

Palavras-chave: Masculinidade, Gênero, Indivíduos masculinos, Padrões heteronormativos.

INTRODUÇÃO

O modo como nossa sociedade define um homem e uma mulher - necessitando fazer-se distinção - é algo socialmente construído, próprio de cada tempo e cultura. Cada sociedade, ao longo da sua história, define rigidamente os termos dessa distinção e organiza as relações sociais por meio do gênero.

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, jailson.cavalcante@ip.ufal.br;

² Discente do Curso Técnico em Agroecologia do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, Campus Murici, lrsbl@aluno.ifal.edu.br;

³ Discente do Curso Técnico em Agroindústria do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, Campus Murici; Graduando do Curso de Nutrição da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, jose.joaquim@fanut.ufal.br;

⁴ Discente do Curso Técnico em Agroecologia do Instituto Federal de Alagoas - IFAL, Campus Murici, josearistony40@gmail.com;

⁵ Professora orientadora: Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Professora efetiva do IFAL - Campus Murici, gessika.silva@ifal.edu.br.

Estes “padrões de gênero” não são espontâneos, mas (re)produzidos. Justamente por isso, este conjunto de ideias, valores, expectativas e normas, que organizam o mundo a partir do feminino e do masculino, precisa ser repetido e reiterado pelas várias instituições sociais a cada nova geração.

Sob essa ótica, a formação identitária dos homens também é influenciada por tais fatores, incluindo variados modos e abordagens de criação, oriundos de diferentes instituições sociais, como a família e a escola. Esses elementos contribuem para moldar diversas facetas da identidade masculina, especialmente aquelas relacionadas ao comportamento e à estética, como modos de agir, vestir, portar-se e ser.

Por vezes, essas influências internalizadas pelos indivíduos em construção podem ocorrer consciente ou inconscientemente, pois por diversos fatores, esses sujeitos não conseguem enxergar as formas como estão sendo educados, internalizando até mesmo o “errado”. Sustentando-se na ideia da prévia estruturação em sociedade, absorvendo os padrões transmitidos por pessoas ou instituições que os cercam, contribuindo com a perpetuação de um homem modelo.

Normalmente, essa visão advém de uma sociedade cis-hétero-normativa, resultante de um modelo patriarcal reforçado com o tempo. Para Castells (1999, p. 169) em seu livro *O Poder da Identidade*, “o patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas”, desse modo, tal modelo configura-se como pilar sociocultural, influenciando ações e reações em diferentes espaços na sociedade, sejam eles sociais, políticos e/ou culturais, atemporalmente. Essa estrutura embasa-se no exercício da autoridade, impondo comportamentos a serem seguidos. Ceara-silva (2017, p. 17) entende que este:

“É um regime no qual os homens adquirem vantagens [...]. Porém, é uma prática sem líder, sem regimento, sem estatuto. Ao mesmo tempo na cartilagem social fica premente um código de honra a ser seguido, uma pedagogia que ensina o que não pode fazer, grupos com quem se identificar, justificativas em imaginários sociais coletivos e históricos; existem referências e até o levantamento de mitos a serem seguidos” (Ceara-silva, 2017, p. 17, **destaque nosso**).

Assim, por meio do patriarcalismo, os homens obtiveram inúmeras vantagens em diversos âmbitos sociais sobre grupos minoritários, porém o que se nota é que no decorrer da história o mesmo tornou-se vítima dos próprios ideais construídos pelos “seus”; os indivíduos “diferentes” do idealizado são constantemente oprimidos e sofrem as consequências do tradicionalismo patriarcal. Ceara-silva (2017) legitima isso ao afirmar que existe uma padronização de grupos aos quais os indivíduos devem se

identificar e "mitos" a serem seguidos, especialmente se essas figuras são masculinas e de homens brancos cis-hétero. Embora esses padrões de masculinidade naturalizados não possuam objetivamente líderes, regimentos ou estatutos, eles ainda vitimizam inúmeros indivíduos.

Quando busca-se de forma *online* o significado da palavra “homem” no dicionário digital *Dicio - Dicionário Online de Português* (2024), obtêm-se as seguintes definições:

- “1. Pessoa que se identifica com o sexo ou com o gênero masculino, independentemente da genitália com a qual nasceu.
2. Espécie humana; humanidade: a evolução social do homem.
3. Pessoa do sexo e gênero masculino.
4. Que possui uma relação afetiva com outras pessoas; esposo, marido, companheiro
5. Criatura humana sob o ponto de vista moral: todo homem é passível de aperfeiçoamento” (*Dicio - Dicionário Online de Português*, 2024, **destaque nosso**).

Em termos de comparações, notam-se contradições: a primeira sugere que, ao contrário do que o senso comum tende a transmitir, a genitália não define propriamente o que é ser homem, tornando os seres livres das pré-definições biológicas para se autodefinirem. Já a terceira definição vai contra o que foi apresentado na primeira, pois limita a identidade masculina exclusivamente ao gênero e sexo, ideia comumente defendida pelo patriarcado. Contudo, para além disso, a segunda definição é o que mais chama a atenção e, de certo modo, liga-se à primeira definição, colocando os homens sobre uma ótica evolucionar, sem ligação direta com fatores biológicos e idealistas.

Visto a importância desta temática para a liberdade de expressão, quebra de estereótipos, autodescobertas e as novas masculinidades, o presente trabalho visou investigar, a partir de diferentes percepções masculinas coletadas por questionário, como esses indivíduos identificam o “ser homem” em si, através de suas crenças, valores e ensinamentos. A pesquisa buscou entender os motivos e razões que os levam a acreditar na veracidade de suas crenças identitárias, buscando-se entender os seguintes questionamentos: “por quem, onde e/ou como eles foram instruídos/construídos?” e “quais as consequências dessas formas de ensino para as suas construções identitárias e, como consequência, para a sociedade?”.

METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como objetivo analisar como os indivíduos masculinos entendem a questão “ser homem”; a fim de compreender como as concepções

(re)produzidas sobre homens e masculinidades foram construídas e como os afetaram ao longo de suas vidas.

Para a investigação, estruturou-se um questionário digital (*Google Formulários*) com perguntas mistas (múltipla escolha, abertas e fechadas) abordando questões relacionadas ao universo construtivo masculino, pautadas em ensinamentos e práticas transmitidas aos respondentes previamente, como: o que significava "ser homem", onde e com quem aprenderam aquilo, quais aparências e atitudes um homem deveria ou não possuir e se, durante a infância, já tinham sido repreendidos de alguma forma por não terem agido como um verdadeiro homem, citando, se possível, exemplos.

Antes da elaboração e envio do questionário, realizou-se pesquisas de cunho bibliográfico em trabalhos anteriores ligados à temática, disponíveis nos periódicos científicos "Google Acadêmico" e "sciElo - Scientific Electronic Library Online", utilizando os descritores: "homens", "masculinidades", "gênero", "identidade", "patriarcalismo" e "heteronormatividade"; por meio do operador booleano "and".

Os respondentes foram contatados individualmente de modo virtual pelas redes sociais (*Instagram* e *WhatsApp*) e e-mail (*Gmail*). Juntamente com o questionário foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que deveria ser aceito antes da liberação das perguntas objetivas e/ou discursivas, transmitindo a seriedade, a eticidade e a confidencialidade da pesquisa para com os mesmos.

Para a discussão, utilizou-se recortes das respostas fornecidas pelos respondentes, como forma de promover possíveis questionamentos. Assim, para uma análise em profundidade, optou-se por utilizar a Técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (1977), caracterizada pela capacidade de fornecer as ferramentas necessárias para analisar discursos em uma pesquisa qualitativa. Para isso, realizou-se a organização, codificação e categorização das respostas por semelhanças, considerando as possíveis "origens e ideais" que acreditou-se representar, vistas abaixo pela ordem (pergunta > grupos identitários):

1. "Para você, o que significa 'ser homem'?" - aparência física, questões biológicas, moral e patriarcado, orientação sexual, repressão de sentimentos e identidade de gênero.
2. "Qual aparência uma pessoa deve ter para ser considerada 'homem'?" - estereótipo de masculinidade e quebra do estereótipo de masculinidade.

Portanto, o grupo prioritário para esta pesquisa foram indivíduos masculinos nascidos antes ou após o ano 2000. Focando-se em identificar semelhanças e diferenças

a partir das respostas coletadas entre as gerações sobre a questão do “ser homem” e as consequências sofridas por eles ao não se enquadrarem nos padrões normalizadores. Para comparação e análise, os participantes foram divididos em dois grupos conforme a idade apresentada: Grupo 1 (representando indivíduos com idade abaixo dos 23 anos, nascidos após o ano 2000) e Grupo 2 (representando indivíduos com idade acima de 24 anos, nascidos antes do ano 2000).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um total de 59 indivíduos participaram da pesquisa, com idades que variaram entre 17 e 59 anos. Para a comparação entre “as gerações”, os respondentes foram alocados em dois grupos com base em suas faixas etárias, resultando em 39 respondentes (17 a 23 anos) no Grupo 1, representando 66,1% dos 100%; e 20 respondentes (24 a 59 anos) no Grupo 2, correspondendo aos 33,9% dos 100%.

Quando convidados a responderem sobre o que significava “ser homem”, os participantes, de ambos os Grupos, optaram pela escolha das respostas já concedidas, relacionadas à visão predominante da sociedade idealista de masculinidade, culturalmente naturalizada. Como visto abaixo na ordem (opção de resposta → número de marcações):

- [...] deve ser trabalhador e provedor do sustento familiar → 21;
- É alguém que gosta de se relacionar com mulheres → 13;
- [...] evita demonstrar sentimentos → 7;
- [...] se veste de maneira tradicional, evitando modas ou roupas consideradas femininas → 5;
- [...] tem um corpo forte e musculoso, buscando sempre se exercitar e ser vaidoso > 5;
- Outros → 38.

Nota-se que para muitos, o “ser homem” ainda é visto como o conceito inicialmente construído socialmente, no qual para ser considerado homem, o indivíduo deve demonstrar certas atitudes, como gostar e se relacionar somente com mulheres, ser provedor do sustento familiar, evitar demonstrar sentimentos, vestir-se em oposição ao feminino e outros. Tudo isso é ensinado para os homens ao longo de suas vidas, sobre a lógica de que, caso eles fujam dessas regras/crenças, dificilmente serão considerados verdadeiramente machos/homens.

Esse processo de distinção acontece porque as instituições sociais criam modelos de homens a serem seguidos, gerando processos de exclusão de indivíduos tidos como

não “natural” e/ou “diferentes”, como exemplo, pode-se citar indivíduos masculinos com traços femininos, conhecidos popularmente como afeminados que constantemente sofrem variadas formas de violência (física, verbal, psicológica, de gênero, sexual, emocional e outras). Por meio de fatores como este surge a antifeminização, onde no reafirmar masculino, os indivíduos acabam contribuindo para o aumento de casos de agressão e exclusão de homens feminilizados, não considerados masculinos o suficiente pelo parecer feminino, oposto ao que os é ensinado.

Tal fato ficou exposto pelas respostas de alguns deles, notou-se que, durante a infância, 74,6% deles (44 pessoas do total) já haviam sido repreendidos por alguém e/ou de algum modo por não estarem agindo como um “verdadeiro” homem, seja por meio de gestos ou ações; expressadas pelas respostas de alguns deles. Essas repreensões sofridas - independentemente do Grupo a qual o respondente se enquadrava, 1 ou 2 - expressou-se por meio de diversos exemplos, principalmente ligadas ao comportamento desses indivíduos, como “por minha voz não ser grave, que eu deveria engrossar a voz (1)”, “[...] era impedido de ajudar minha mãe nas tarefas de casa, porque, na mentalidade do meu pai, eu iria ficar "afeminado (1)", “[...] em algumas situações em que chorava por "besteira" [...] alguém me falava: "seja homem" "não tenha medo" "não tem pra que chorar" (1)”, “[...] Homem não chora, então engula o choro! (2)” e “[...] por ter a voz fina na infância, ser muito gentil e carinhoso (2)”

Além disso, repreensões ligadas a estética também foram evidenciadas por eles, como “por querer pintar as unhas, por querer usar maquiagem e batom, por usar brincos e por gostar de ambos os sexos (1), “descruza a perna, fala grosso (1)”, “não cruzar as pernas, não usar roupas curtas, ser repreendido por assistir programas de “mulheres” (2)” e “por ficar com as mãos nas cinturas (2)”. Portanto, compreende-se que apesar do ensinar ser sentido e vivenciado de forma particular, na maioria das vezes o resultado torna-se plural, pois todos os indivíduos são frutos de diferentes construções sociais previamente estruturadas e condicionadas pela cultura. O que é ensinado para os homens sobre suas identidades, majoritariamente os adocece, contribuindo com a perpetuação de um modelo criacional opressor e limitante.

Contudo, notou-se, a partir da análise das respostas referente a opção “outros”, uma quebra de padrões do tradicional, independentemente do Grupo a qual o respondente pertencia. Logo, “ser homem” para alguns do Grupo 1 referia-se a “[...] não é sobre roupas, genitálias ou convenções sociais, pois daria a entender que uma vez sem isso, deixaria de ser homem”, “Alguém que se identifica como homem independente da

orientação sexual” e “Alguém que se reconhece enquanto gênero masculino e que interage com o ambiente de forma a demonstrar essa masculinidade”. Já para os do Grupo 2, “[...] ser homem é ocupar espaços sociais masculinos, em suas mais diversas expressões, indo muito além do modo de se vestir, da atração sexual ou comportamento” e “alguém livre para performar masculinidades plurais longe de qualquer tipo de pré concepções”.

Essa quebra do tradicional, presente em ambas as gerações, é resultado de uma série de fatores sociais, advindas de um emergir de sentidos ligados a auto descobertas pessoais, conectadas ao processo de socialização desses indivíduos, criando-se assim, identidades de cunho parcialmente íntimos e próprios, resultante da busca incessante por novas formas de ser, que não as perpetuadas ao longo dos séculos. Ambas as gerações mostram que existe um mundo de possibilidades além do tradicional, seja em crenças, dizeres e saberes.

Ao categorizar as respostas em grupos temáticos, identificando seus ideais representativos, notou-se que a grande maioria pertenciam a áreas relacionadas à masculinidade convencional, como “moral e patriarcado”, legitimando as origens do tradicional. Ao averiguar onde e/ou com quem os respondentes aprenderam que aquilo era ser homem, identificou-se como responsáveis diversas instituições sociais - por ordem de frequência - como, o pai (24), a mãe (22), a escola (19), os/as amigos/as (16), os/as avós (15), os/as tios/tias (11), o ambiente religioso (10) e os/as irmãos/ãs (8).

Para Connell e Pearse (2015), as ideias sobre comportamentos adequados aos homens são difundidas a partir de organizações sociais, como as citadas acima, além de outras, como a ciência, o judiciário, a mídia e a cultura. Onde há sempre a separação e a colocação dos indivíduos em moldes fixos. Todas essas instituições contribuem, mesmo que indiretamente, com a perpetuação do “natural/ideal”, exercendo sobre os indivíduos certa pressão social; promovendo comportamentos específicos e desencorajando maneiras de “ser” que não se enquadrem nessas normas.

Essa segregação é incorporada desde a infância, por repetição, se constituindo num referencial normativo a ser cumprido, impedindo construções subjetivas, moldando um comportamento comum a todos os indivíduos. Conforme Souza, Altomar e Manfrin (2017, p. 2):

“[...] durante a infância por meio do processo de socialização o sujeito aprende conteúdos para reproduzir comportamentos, atitudes, valores e ações culturalmente considerados adequados para seu gênero, ocorrendo muito cedo a construção da identidade de gênero. Neste sentido, a sociedade

contemporânea por meio de diversos mecanismos, como a família, a escola, a religião, a comunidade e a mídia, faz parte deste processo de socialização de construção da masculinidade” (Souza, Altomar e Manfrin, 2017, p. 2, **destaque nosso**).

Para além disso, nota-se que a construção identitária dos indivíduos começa antes mesmo do seu nascimento. Desde o ventre da mulher, são idealizadas para a criança, pelas instituições sociais, regras como cores específicas que a representará, além de possíveis nomes, ideais, valores, crenças e costumes que ela deverá se apossar ao longo de sua vida, enquadrando-se em um determinado papel - menino ou menina, homem ou mulher. Essa expectativa se relaciona diretamente ao sexo biológico, isto é, se a criança nasce com o órgão sexual masculino, de imediato, espera-se um homem que performe mais essa construção idealista de masculinidade.

Em uma de suas pesquisas, Kaufman (1994, p. 13-25) afirma que um garoto corporifica as relações de violência desde muito cedo, pois aos cinco ou seis anos as bases da masculinidade, que serão adotadas para toda a vida, já estarão estabelecidas. Portanto, por já estar estabelecido, o garoto pressionado a seguir normas e ideais de masculinidade, suprime sua própria vontade de autoconhecer, que a longo prazo, afeta sua liberdade de escolha, gerando muitos conflitos identitários e episódios de violência.

Conforme mencionado por Nolasco (1993-1995, p. 47), quando surgem dúvidas durante o processo de socialização sobre a própria identidade de gênero - se a forma como essa identidade é vivenciada não se alinha com as normas heteronormativas - o indivíduo muitas vezes se vê obrigado a reafirmar continuamente sua identificação com o padrão estabelecido. Assim, “um menino é educado nas precariedades de um cárcere, para quando crescer se tornar seu próprio carrasco”. Desse modo, subjetivamente, a maioria dos homens são ensinados a serem viris, agressivos, fortes/dominadores, negadores de sentimentos e desejos. Como resultado dessa opressão, cria-se uma rede de vigilância onde os homens acreditam ter poder sobre outros indivíduos menos favorecidos, como outros homens; tornando-se vítimas e carrascos de si e para os outros, acarretando em diversas consequências, como por exemplo casos de assassinato.

Para Harrison, Chin e Ficarroto (1992, p. 271-285) o núcleo do papel masculino nas sociedades contemporâneas é composto por quatro necessidades: 1) [...] de ser diferente das mulheres; 2) [...] de ser superior aos demais; 3) [...] de ser independente e autoconfiante; e 4)[...] de ser mais poderoso do que os outros, através da violência, se necessário. Logo, no constante ato de reafirmar, mesmo sem que perceba, o indivíduo acaba desenvolvendo uma série de necessidades, sendo uma delas a de “mascarar” o seu

verdadeiro “eu”, buscando sentir a aceitação e pertencimento nos mais diversos grupos sociais. Desta maneira, emerge também a supervalorização da agressividade, vista, por muitos, como válvula de escape, resultando em uma maior somatização de problemas e, conseqüentemente, a uma maior taxa de mortalidade.

Oliveira (1998, p. 99) legitima esse fato, ao destacar as conseqüências de diferentes atos, normalmente, cometidos por homens, como:

“[...] beber e fumar, para parecer mais auto suficiente, autônomo, arrojado, sofisticado e superior, levam a um maior número de mortes por câncer, cirrose hepática etc.; acidentes de todo o tipo (automobilísticos, principalmente) que são, muitas vezes, frutos de exibição e/ou de violência. O resultado: expectativa de vida menor para os homens. Os meninos, em função do papel prescrito, são mais exigidos e desenvolvem mais problemas e inadequações diversas - dislexia, esquizofrenia, incontinência noturna etc” (Oliveira, 1998, p. 99, **destaque nosso**).

Notou-se que as instituições sociais convencionais predominarem no que tange a educação a qual os respondentes foram expostos. Contudo, a partir desta pesquisa, foi possível notar que eles sentiram a necessidade de “criar novas formas de ver o ser homem”, para além do tradicional. Independente do Grupo pertencente, para alguns deles novas definições surgiram ao longo de suas vidas, por meio de “reflexão pessoal (1)”, “internet (1)”, “filósofos contemporâneos e audiovisual (jogos, séries e filmes) (1)” e “formação/atuação profissional (2)”.

Assim, para alguns respondentes de ambos os grupos, o homem pode ser definido por meio de diversas maneiras, independentemente de vestimentas, aparências e estilos socialmente aceitos, como: “[...] não coloco mais uma imagem que defina o que é ser homem, entendendo como algo plural e fluído (1)”, “[...] precisamos nos vestir da forma como nos sentimos bem. Para mim, a aparência ou as roupas não define se alguém é homem ou não (2)”, “Não há uma aparência precisa, isso para mim não identificaria ser homem, cor, acessórios, tipo de roupa, tipo de cabelo, cheiro deve ser uma interpretação da própria personalidade (2)”.

Essas novas definições, são concebidas em um momento no qual a sociedade se vê muito mais evoluída tecnologicamente e socialmente - o que garantiu novos avanços na compreensão de identidades de gênero e um maior acesso das pessoas a ambientes ligados à informação, educação, política e outros. Independentemente de raça, gênero e outros quesitos sociais a qual elas pertencem, o que ajudou a possibilitar uma melhor democratização na busca por conhecimento e como por conseqüência, contribuindo para o surgimento de novas maneiras de definir as coisas.

Ao agrupar as respostas sob temáticas semelhantes, obteve-se os seguintes números (totalidade → separação por grupos): estereótipo de masculinidade - respostas ligadas ao padrão tradicional de masculinidade (21 → 1: 16, 2: 5) e quebra do estereótipo de masculinidade (19 → 1: 11, 2: 8). Essa quebra do “estereótipo de masculinidade” que quase ultrapassou o estereótipo padrão, se resulta dessas novas quebras de paradigmas, expondo que apesar do tradicional ainda “imperar”, novas possibilidades estão sendo criadas diariamente, apesar da lentidão deste processo.

Apesar dessas mudanças, para alguns, romper o tradicional ainda se configura como um grande obstáculo, pois lutar contra o aceitável é desafiador e, por vezes, se configura como uma jornada solitária e sem apoio, fato expresso na seguinte fala: “[...] ainda não consigo desassociar o padrão físico (um maior porte, ombros largos, cabelo geralmente curto, barba, maior quantidade de pelos, corpo robusto, cara mais fechada e traços menos delicados) de um considerado "homem", apesar de reconhecer que existem pessoas que apesar de biologicamente nasceram como homens não se consideram como tal, bem como existem mulheres que se consideram, nesse caso eu só trabalho para respeitar, aceitar e associar”.

Em relação a estética, quando questionados sobre qual a aparência que uma pessoa deve possuir para ser considerado homem, a maioria dos respondentes de ambos Grupos, limitaram-se a discorrer a partir de características físicas, normalmente ligadas aos homens ideais, defendido pela sociedade, como ser “forte, maduro, másculo, parrudo e viril (1)”. Essa limitação exposta por eles, é explicada por Silva (2006) que ressalta que:

“características como coragem, firmeza, valentia foram associadas ao masculino e consideradas qualidades que constituem e gravitam sobre o gênero masculino” (Silva, 2006, **destaque nosso**).

Para alguns, o “ser masculino” tem total ligação com a oposição ao feminino e suas características, como expresso em “qualquer uma, contanto que não possua traços femininos marcantes (1)”, “[...] é só não usar roupas de mulher (2)”, “deve não vestir roupas femininas, pois ele é homem, é ter postura viril, é ter características biológicas masculinas (1)”. Quando comparados a feminilidade, os mesmos se sentem injustiçados, fracos e não pertencentes à “hipermasculinidade” normalmente difundida na sociedade.

Esse complexo de oposição é resultado da construção de múltiplos processos sociais, principalmente as defendidas por figuras masculinas, pois foi por meio do repúdio às mulheres que muitas sociedades se popularizaram, limitando-as ao papel de

fragilidade, desvalorização, inferioridade e servidão. Nesse processo, Bento (2015, apud Sánchez & Vilain, 2012) reforça que a feminização seria uma fuga dos ideais de masculinidade, e por ela ser construída por oposição, tudo que não reforça o padrão hegemônico é tomado como feminino e, conseqüentemente, dificilmente tolerado; como debatido anteriormente.

Para Nolasco (1993) se atribui ao papel masculino a responsabilidade principal pela "situação precária" da masculinidade e isso acaba se perpetuando quando os homens seguem cegamente um modelo de comportamento que limita suas subjetividades, reduzindo-os a um vazio estereotipado, causador de constantes angústias, tensões e violências. O autor defende a necessidade de humanizar a busca por um novo modelo de comportamento, apesar de reconhecer que isso é um desafio.

Para Stoller (1993), a masculinidade é uma qualidade sentida por quem a possui, ou seja, um conjunto de convicções obtidas através dos pais, especialmente na infância e mantidas pela sociedade. Portanto, se utilizando do que foi afirmado por Beauvoir (1980), o sujeito não nasce mulher, torna-se mulher, sendo assim, nesse caso, o sujeito não nasce homem, torna-se homem.

Portanto, ao observar as diferentes culturas e as formas do colocar-se no mundo de diferentes povos, é possível se deparar com diversas formas de entender o masculino. Logo, as características atribuídas aos homens não são determinadas pela biologia ou pelas genitálias, mas sim pela cultura, e cabe a cada indivíduo, munido de conhecimentos ao qual se identifica, lutar por sua identidade. Defendendo a ideia de que ser homem, portanto, não é um estado predeterminado, mas uma condição em permanente construção e, se necessário, desconstrução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa e seus recortes, nota-se que apesar de haverem muitos ensinamentos advindos do tradicional, muitos homens, independente de gênero e identidade, ainda “lutam” para reconhecerem a pluralidade de ser masculino, buscando muitas vezes, novas formas de se autodefinirem. Para muitos deles, performar a masculinidade ainda é desafiador, mas não limitá-la a algo unilateral é um dos caminhos para a autoaceitação, pois quando limitada, corta-se a diversidade e o sentido do que é ser homem e ser humano, que é o de estar em constante transformação/evolução.

Compreende-se que mesmo com as mudanças, opiniões como essas ainda não são suficientes para mudar percepções seculares ensinadas há tempos, no que diz respeito ao

verdadeiro papel masculino. Este, no entanto, não é um processo que acontece sem resistência e instantaneamente, afinal, cabe a cada ser humano, estabelecer uma relação própria com a sua cultura, independente da sociedade pertencente.

É preciso que na sociedade atual o homem entenda seu novo papel, buscando se utilizar de suas diversas facetas que não misóginas, estereotipadas e/ou tóxicas para moldar a realidade, quebrando paradigmas. Pois, se existe na sociedade, de certo modo, a liberdade de ensinar e ser ensinado, cabe a cada ser masculino, a partir de suas vivências e experiências, construir a seu gosto, sua própria identidade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edição 70, 1977.

BEAUVOIR, S. de. O Segundo Sexo, v. I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: **Nova Fronteira**, 1980.

BENTO, B. **Homem não tece a dor**: queixas e perplexidades masculinas. Editora da UFRN, 2015.

CASTELLS, M. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. O poder da identidade. São Paulo: **Paz e terra**, v. 2, p. 169, 1999.

CEARÁ-SILVA, G. L. **Corpos penetrantes e masculinidades**: um estudo crítico às práticas patri (viri) arcaicas. 2017.

CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: Editora nVersos, 2015.

HARRISON, J.; CHIN, J.; FICARROTTO, T. Warning: Masculinity may be dangerous to your health. **Men's lives**, p. 271-285, 1992.

HOMEM. Dicio, **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/homem/>>. Acesso em: 9 jul. 2024.

KAUFMAN, M. **The Construction of Masculinity and the Triad of Men's Violence**. In: KIMMEL, Michael S., MESSNER, Michael A. (orgs.), p. 13-25, 1994.

NOLASCO, S. **O Mito da Masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 47, 1993- 1995.

OLIVEIRA, P. P. de. Discursos sobre a masculinidade. **Estudos Feministas**, p. 99, 1998.

SILVA, S. G. da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 26, 2006.

SOUZA, M. D. F. de; ALTOMAR, G.; MANFRIN, S. H. **A construção social da masculinidade**. ETIC–Encontro de Iniciação Científica, v. 13, n. 13, p. 2, 2017.

STOLLER, R. **Masculinidade e Feminilidade**: Apresentações de Gênero. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.